

APRESENTAÇÃO

«PAISAGENS PATRIMONIAIS»

O décimo primeiro número da revista «CEM» subordinado ao tema Paisagens Patrimoniais enquadra-se no campo de ação do grupo de investigação do CITCEM Património Material e Imaterial que procura catalisar temáticas comuns, dando prioridade a abordagens interdisciplinares e colaborativas nesta área. O CITCEM tem vindo a organizar encontros científicos com forte incidência nos estudos de património e sua gestão, tal como o *Congresso Internacional Genius Loci: Lugares e Significados* (2016), o *V Congresso Internacional de Cidades Criativas* (2017), o *Lost and Transformed Cities: a digital perspective* (2016, coorganização com o CHAIA e o IHC) ou o *Fórum Fórum Património e Paisagem* (2018, coorganizado com o CEAU), abrindo oportunidades para uma reflexão inter, pluri e transdisciplinar. O CITCEM congrega investigadores de diferentes áreas, como a História, a Geografia, a Arqueologia, a Demografia, a Literatura, a Arte, a Museologia, o Cinema e a Cultura Digital. A FLUP e o seu Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP) têm igualmente reforçado a sua oferta formativa nestas áreas, com cursos como o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual e o doutoramento em Estudos de Património, com áreas de especialização em Arqueologia, História da Arte e Museologia.

Partindo da assunção do carácter inter e multidisciplinar do património e do(s) seu(s) lugar(es) na sociedade contemporânea, assumiu-se como objetivo deste número da revista «CEM» promover uma reflexão sobre as paisagens patrimoniais, entendidas enquanto representações, visuais ou mentais, e no âmbito da produção das novas conceptualizações na área dos Estudos de Património.

A apreensão que se tem das diversas Paisagens Patrimoniais resulta da representação que delas fazem os vários atores, leia-se da interação do investigador, dos profissionais do património e da comunidade fruidora, fundamental na coconstrução do património e da paisagem patrimonial. Convocamos Carlos Alberto Ferreira de Almeida quando este afirma que «a ligação do Património à

comunidade é uma radicalidade, mas ele só o é, verdadeiramente, quando esta o assume e toma consciência dele». ¹ Françoise Choay em *Património e Mundialização* ² foi uma das primeiras autoras a tomar consciência do alargamento do campo de ação do património e do «complexo de Noé» que hoje identificamos. Diante de um tão complexo campo de ação, os estudos em património mais recentes têm procurado dar resposta a múltiplos caminhos.

Neste sentido, foi nosso objetivo abrir caminho a novas abordagens, valorizando-se a apresentação de propostas que refletissem e afirmassem valores prospectivos em torno do património, o seu lugar no presente e seu papel no futuro, cruzando múltiplas dimensões providas das áreas do conhecimento da História, da História da Arte, da Arqueologia, da Antropologia, dos Estudos de Património, da Geografia Cultural, da Cultura Visual, da Arquitetura ou da Sociologia. Este objetivo foi alcançado. No presente volume temático encontramos artigos providos de várias áreas científicas com particular enfoque na História da Arte, nos Estudos Literários, nos Estudos do Urbanismo e da Geografia, mas também no campo Teoria e História da Arquitetura e, até, no campo da Antropologia se considerarmos a sua importância para o estudo do património imaterial. Respondendo ao repto lançado, apresentamos neste número da revista «CEM» um conjunto de textos que, através do conhecimento, promovem a valorização de bens que, por esta ação, se tornam patrimoniais.

Partimos nós, e os autores dos textos, do pressuposto que a patrimonialização resulta do conceito de reconhecimento. Ora, este está no sujeito e não no objeto, leia-se no bem patrimonial. Assumimos que a patrimonialização é um processo de construção social e cultural resultante da produção de múltiplas representações pelos diferentes grupos sociais e pela evolução dos valores patrimoniais que permite evidenciar o papel das comunidades locais na coprodução do património e na transformação do *genius loci*. No presente volume são dadas ao prelo propostas que não só consideramos inovadoras, como também se assumem pela sua diversidade geográfica, cronológica e tipológica. O caráter internacional dos estudos consubstancia-se pelas diferentes nacionalidades dos seus autores, mas particularmente pela diversidade de geografias tratadas. Embora a maioria dos estudos reporte à patrimonialização de bens em território português, outros há que nos remetem para distintas geografias como o Brasil, a Dinamarca (Gronelândia) e a Espanha (Catalunha). Consideramos este aspeto particularmente importante pois contribui seguramente para o cruzamento de experiências ao nível do conhecimento produzido em torno das paisagens patrimoniais e suas ações de valorização.

¹ ALMEIDA, 1998.

² CHOAY, 2010.

Entendemos por Paisagens Patrimoniais bens de diversa natureza, sejam eles urbanos (Centros e cidades históricas ou Paisagem Histórica Urbana) ou naturais (Paisagem Cultural), físicos ou virtuais. A riqueza e variedade das contribuições selecionadas neste dossier temático refletem as diferentes perspectivas e sensibilidades num enquadramento multidisciplinar e interdisciplinar, possibilitando a construção coletiva de abordagens inovadoras. Embora não pretenda fornecer uma visão geral exaustiva da pesquisa no âmbito das paisagens patrimoniais e dos estudos do património, esta edição apresenta artigos científicos que refletem a diversidade tipológica dos bens, enquanto campo alargado para a produção do conhecimento ou ainda da paisagem patrimonial como reveladora da diversidade cronológica do objeto de estudo. Trata-se aqui o património arquitetónico e o urbano, o património paisagístico *per se*, mas também aquele que o património de origem literária identifica e reconhece. O património imaterial está presente em diversos estudos, bem como a patrimonialização da memória, das práticas, das experiências ou dos rituais. Além do próprio objeto patrimonial estudado, leia-se «paisagem patrimonial», convém referir que através do seu reconhecimento e conseqüente valorização pela produção de conhecimento científico está-se desde já a contribuir para a sua memória e salvaguarda e, *quiçá*, para o desenho de futuras e novas paisagens patrimoniais.

O compromisso para com o património tem hoje uma dimensão territorial importante e está ancorado na interação entre os diferentes atores do projeto patrimonial. O artigo de Raquel Carvalho e Teresa Marques intitulado *Paisagem cultural de transumância: A Rota da Serra da Estrela para as Campinas de Idanha*, através da proposta de novas linhas de investigação no âmbito da paisagem cultural gerada pelas Rotas da transumância, põe em evidência a inclusão dos valores patrimoniais e a gestão eficiente dos recursos naturais pelas comunidades locais na teorização da paisagem e gestão do património.

O património é um processo cultural que permite viver experiências ligadas ao afeto e à emoção. O valor do afeto, da emoção e sobretudo da experiência, como elementos fundamentais na paisagem patrimonial contribuem para a análise da nossa relação com o passado, assim invocado e convocado. O artigo de Isabella Roberto sobre as relações entre a *Shoah* e a *literatura e o campo concentracionário enquanto lugar de memória* permite abordar a morte, o trauma e a violência como elementos transformadores do património. Sublinhamos também a reflexão sobre os autores literários como representantes da voz dos excluídos.

O artigo de Tiago Trindade Cruz abre perspectivas sobre as paisagens patrimoniais digitais, sobre a possibilidade de digitalizar e documentar edifícios históricos visíveis e invisíveis através das novas metodologias. O autor aborda as possibilidades do património virtual e digital em termos da visualização e vivência

da paisagem patrimonial enquanto memória e contemporaneidade, tendo como modelo para a abordagem o convento de Monchique no Porto.

O património urbano tem sido abordado desde a sua dimensão material ligada à História da Arquitetura e aos valores culturais. Recentemente a recomendação da Paisagem Histórica Urbana (PHU, UNESCO 2011) permitiu uma mudança de paradigma no pensamento aplicando o conceito de paisagem ao património urbano. Neste dossier vários autores apresentaram diferentes abordagens aplicadas à paisagem urbana e à paisagem histórica urbana. Ariadne Ketini Costa da Alcântara aborda no seu trabalho o conceito de paisagem histórica urbana aplicada à cidade de São Luiz do Maranhão, admitindo que essa categoria é resultado de uma acumulação de processos históricos e económicos, traduzida a partir de narrativas institucionais legitimadas através do ato da classificação. O entendimento do espaço urbano como produto das relações sociais vivenciadas num determinado período ou contexto histórico fomenta a conceção de paisagem urbana. O artigo de João Luís da Mota Torres Fernandes analisa as múltiplas valências patrimoniais inerentes aos bairros construídos na cidade no âmbito das operações do Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), reconhecendo-os como estruturas enquanto testemunho de um período definitivo para a consolidação da identidade nacional no pós-25 de abril de 1974, desenvolvendo a ideia da importância da integração e da valorização dos edifícios tendo em conta o seu contexto histórico, urbano e também social.

A questão de património e identidade aparece também na valorização do Românico como ativação patrimonial abordado no trabalho de Maria Gargante Llanes sobre a valorização do Românico Catalão pelo movimento de afirmação catalã e enquanto instrumento de suporte para a construção de uma base simbólica, identitária e diferenciadora.

A questão da reflexão sobre a paisagem e o património num espaço de fronteira é extremamente atual. O trabalho de Maria Isabel Lopes de Mendonça sobre a raia de Ribacôa permite interpelar e pesquisar os fatores históricos que determinaram a sua configuração, aferindo como a organização do povoamento entre 1762 e 1960 se consubstancia no desenho da paisagem contemporânea aos mais diversos níveis.

As abordagens que se apresentam neste número da revista «CEM» são diversificadas e apresentam diferentes modelos metodológicos. Neste contexto, há estudos que acabam por constituir um ponto de situação sobre o que se fez até hoje sobre determinado tema ou bem. É o caso do artigo apresentado por Inês de Carvalho Costa sobre o património mundial em risco e as paisagens culturais iminentes, onde se analisam quais as geografias e tipologias mais afetadas, as causas de risco, destruição, obstáculos e instrumentos usados ao nível da sua salvaguarda. A análise dos estudos que se publica permite também compreender

que alguns deles refletem também uma investigação madura sobre o tema ao passo que outros permitem adivinhar um percurso de investigação da parte do autor que se espera vir a ser promissor. Muitos resultam de um aturado trabalho de campo e da análise de fontes diversas que incluem documentos normativos nacionais e internacionais, elementos estatísticos, obras literárias, mapas, entrevistas, artigos de jornais ou ainda elementos iconográficos. Os artigos de Carmen Matos Abreu, com *Ficção e fruição de paisagens naturais: o Douro de Oitocentos representado por Edward Quillinan*, ou de Clara Maria Marques Santos e Cunha Silva, *Um novo olhar sob(re) a paisagem literária – breves apontamentos a propósito de Nova Safo*, recorrem às paisagens literárias para aprofundar os conhecimentos sobre as paisagens culturais. Com uma metodologia da literatura cruzada com a geopoética e a geocrítica, o artigo de Maria José Dias *Uma geografia de rosto humano* apresenta simultaneamente o lugar que o património paisagístico ocupa numa obra literária, mas também uma análise dos contornos humanos que as diferentes geografias físicas e culturais produziam.

No presente volume da «CEM» há ainda propostas que procuram criar metodologias inovadoras como vemos no trabalho de Ana Moya sobre a dimensão imaterial da paisagem histórica urbana através do estudo de caso do bairro lisboeta da Mouraria e a abordagem das paisagens somáticas e das experiências sensoriais. A importância da cartografia e a exploração de fontes gráficas no estudo das paisagens patrimoniais é abordada de maneira muito diferente em outros dois trabalhos. O artigo Cristiana Vieira, Ana Catarina Antunes e Sónia Faria contribui para aprofundar o conhecimento na área da botânica e ao valor boticário das plantas assim como da história da cidade do Porto oitocentista. A inovação deste trabalho reside na elaboração de um estudo relacional com outros espaços com vocação botânica. O artigo da Mariana Raquel Salino Carvalho aborda a cartografia como método para o estudo e interpretação da transformação do espaço urbano do Porto nomeadamente numa área menos central, como a de Paranhos.

Na secção *Varia* incluímos três artigos. O artigo de Ana Regina Pinho sobre as crianças austríacas em Portugal no pós-guerra (1947-1958), permite abrir pistas de reflexão para a questão da memória e da migração na reconfiguração dos processos de patrimonialização. A relevância de um ritmo musical brasileiro contemporâneo, abordado no trabalho de Mariana Beatriz Marques Fernandes, propõe aprofundar os aspetos do próprio estilo musical e a sua cadeia de valores associada, contribuindo para reflexões pertinentes no campo do património cultural imaterial enquanto criador de novas paisagens patrimoniais. Finalmente o artigo sobre as imagens e as representações das práticas turísticas no fiorde de Ilulissat na Gronelândia da Andréa Poirer permite-nos abrir perspetivas sobre o futuro do património natural em situação de catástrofes naturais,

mas também por ação do turismo de massas, refletindo sobre que instrumentos utilizar neste contexto.

Os artigos dados ao prelo foram alvo de dupla arbitragem científica. Foi constituída uma Comissão Científica internacional integrada por investigadores e atores reconhecidos pelos seus contributos no campo alargado dos estudos de património, associando-os deste modo a este número da «CEM». O rigor da avaliação realizada e as sugestões pertinentes que dela adveio contribuíram seguramente para a qualidade do número que agora se publica, esperando que este abra novos campos de investigação em estudos do património, das suas representações e, acima de tudo, da assunção e valorização das paisagens patrimoniais.

Maria Leonor Botelho
Ana Rita Albuquerque
janeiro 2020

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1998) – *Património. O seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Etnos.
- CHOAY, Françoise (2010) – *Património e Mundialização*. Editora Licorne.